

O fenômeno China, visto de perto

Alexis Thullier Pagliarini

Escrevo este artigo direto da China, onde passo alguns dias, participando do encontro mundial do WTC, realizado em Pequim, e visitando a Expo Xangai, a maior exposição do mundo. Acabo de retornar de uma visita ao chamado "Silicon Valley" de Xangai, que descrevo com mais detalhes a seguir.

A oportunidade de estar na China neste momento é preciosa, em função da importância desse país na economia mundial. Por mais que tenhamos muitas informações sobre a sua economia, estar aqui e sentir o seu pulso, ao vivo, é algo que estou curtindo com muito prazer. Pequim parece exprimir com mais exatidão a China de hoje. Andar pela cidade é acompanhar o novo atropelando o antigo, trazendo prosperidade, mas também todos os seus efeitos colaterais.

Bicicletas, que antes dominavam as ruas, hoje são minoria e obrigadas a disputar espaço com um número crescente de veículos que zigzagueiam perigosamente pelas ruas num trânsito caótico, congestionado durante todo o dia. Sob regime forte e opressor por tantos anos, o chinês experimenta a liberdade de acesso a veículos de forma intensa e surpreendentemente indisciplinada no trânsito.

É bastante comum ver carros parados em fila dupla ou tripla para simplesmente deixar um passageiro. Ninguém respeita faixa de pedestre e quase fui atropelado por um ônibus, que passou direto pelo sinal vermelho, sem sequer diminuir a velocidade. E todo mundo buzinando o tempo todo. Sem dúvida, o trânsito de Pequim chega a ser até engraçado de tão caótico e indisciplinado.

Além dos congestionamentos, o enorme aumento de automóveis nas ruas provoca uma poluição absurda, que faz o ar de São Paulo parecer puro. Observar os trabalhadores é também uma constatação óbvia da luta do novo e moderno com o passado paternalista.

Taxistas mal-humorados, que não falam uma palavra de inglês, são contratados por concierges que dominam línguas estrangeiras. Preguiçosos funcionários do serviço público destoam de vendedores ambiciosos e batalhadores. Junto comigo está um grupo de brasileiros que aproveita a viagem para fazer contatos de negócios ou simplesmente conhecer o país-locomotiva do mundo.

Ao fazer compras em Pequim, nos deparamos com vendedores com um poder de persuasão impressionante. Linda (os chineses que têm contato com estrangeiros costumam adotar um nome ocidental), que não passa de 1,5m e com menos de 21 anos de idade, é a vendedora que nos atende na encomenda de um terno sob medida. Ficamos todos impressionados com a força persuasiva da chinesinha, que nos convenceu a levar mais ternos e camisas (também sob medida) do que havíamos planejado. Uma negociação exaustiva faz parte do dia a dia dessas vendedoras e o que nos surpreende é a liberdade que elas têm de negociar, sem consultar nenhum chefe, chegando a descontos que superam 80% do valor original. É algo que serve de aprendizado para nós.

Aliás, um dos empresários que estavam comigo durante a compra, se pudesse, levaria a nossa pequena grande vendedora para trabalhar para ele no Brasil. "Ela me faria dobrar as vendas", disse ele. É aí está o contraste de uma economia pujante, convivendo com um passado recente: de um lado, uma vendedora hábil, inclusive falando um inglês impecável e, no final de uma negociação, já arranhando um português; do outro lado, um taxista bronco, sem saber falar sequer Yes ou No. Mas ao chegar em Xangai, o que vemos é quase só presente e futuro.

Impressionantes edificações e a infraestrutura da World Expo demonstram uma cidade fascinada pelo crescimento e prosperidade. Nosso guia conta que todas as escolas partem, já da alfabetização, para um ensino amplo da língua inglesa. Na visita ao Shanghai Zhangjiang Hi-Tech Park – o "Silicon Valley" chinês vem a constatação de que esse país não está brincando com o futuro.

O parque industrial concentra 5.800 empresas de alta tecnologia, gerando 142.400 empregos para profissionais de alta qualificação. 3.900 dos empregados têm doutorado, 21.700 têm MBA e 77.300 têm ensino superior. Tenho mais uns dias por aqui, mas não consigo conter uma sensação de preocupação com o nosso Brasil, que hesita em colocar mais fichas na educação. Vendo esse fantástico fenômeno da China de perto, temos a sensação de que, se não houver um investimento maciço na qualificação dos nossos jovens, seremos atropelados pelo nosso colega do BRIC.

Fonte: Propmark, São Paulo, 18 out. 2010, p. 12.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais